

## AS RELAÇÕES PARADIGMÁTICAS DE SINONÍMIA E AS RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS NO DICIONÁRIO DE LÍNGUA\*

Leci Borges Barbisan  
PUCRS

### 1. INTRODUÇÃO

Vários lexicógrafos procuram definir dicionário: Rey-Debove (1970:9); Zgusta (1971:197); Dubois et alii (1978:186); Casares (1950:51). Encontram-se em suas definições diferenças em alguns aspectos, mas todos parecem ter em comum o fato de que um dicionário é constituído de parágrafos, os verbetes, e que os verbetes são compostos de dois dados: a entrada e as mensagens que informam sobre a entrada. Esta é uma palavra da língua que, no dicionário, torna-se o tema ou o sujeito de predicados que são as informações (Dubois, 1971:41). Essas informações dizem respeito à pronúncia, à etimologia, à classe gramatical, à definição, à construção da palavra, ao exemplo, aos sinônimos, aos idiotismos, a elementos de cultura.

As informações visam a permitir ao leitor reduzir a distância entre seus conhecimentos e uma norma lingüística e fatos culturais que o dicionário apresenta, como mediador dos conhecimentos de uma comunidade. A obra lexicográfica é, pois, material de consulta, adquire força de lei e assume caráter pedagógico (Dubois, 1971:49). Ela pressupõe certo tipo de comunicação que se estabelece entre o leitor e o lexicógrafo, semelhante ao que relaciona aluno e professor. O lexicógrafo, identificado como falante ideal da língua, deve responder às diferentes necessidades do leitor, necessidades que são:

— de traduzir mensagens de outras comunidades lingüísticas. Este é o objeto dos dicionários bilingües.

— de transpor numa norma comum os falares técnicos de grupos culturais diferentes. A esses aspectos estão aptos a responder os dicionários técnicos.

— de dominar os meios de expressão de uma língua. A essas preocupações respondem os dicionários de língua.

— de aumentar conhecimentos por intermédio das palavras. Eis a finalidade dos dicionários enciclopédicos.

O dicionário unilingüe, chamado dicionário de língua — único que interessa ao presente estudo — é o que contém mais língua e menos enciclopédia, o que informa sobre o "bom uso", com objetivos não puramente descritivos ou normativos, mas didáticos (Guilbert, 1969:19). O dicionário de língua é de tipo sincrónico ou descritivo se suas informações são só funcionais: pronúncia, funcionamento das unidades. Se elas são mistas: funcionais e não funcionais, entendendo-se como não funcionais a etimologia e as datações, o dicionário é diacrónico. O tipo misto parece ser o mais freqüente entre os dicionários de língua (Rey, 1970: 64).

Este estudo não se ocupará do dicionário de língua como um todo, mas tão somente do seu aspecto sincrónico. E, ainda assim, não de todas as informações sincrónicas que pode fornecer a obra lexicográfica, mas apenas de algumas delas: as que dizem respeito às relações que se estabelecem entre a unidade lexical e os elementos que se sucedem no enunciado (relações sintagmáticas) e entre a unidade lexical e outras unidades da língua (relações paradigmáticas). Dentre as relações paradigmáticas escolherá a de sinonímia.

Considerando-se que a unidade lexical se define por suas relações com outras unidades do sistema e do enunciado, que a obra lexicográfica estuda a entrada sob a forma de "palavra" extraída arbitrariamente do enunciado, mas que, apesar disso, o dicionário de língua inclui entre suas tarefas a de informar sobre o funcionamento da unidade lexical, propõe-se como objetivo para este estudo averiguar se tal tarefa é cumprida e como é. Será feita inicialmente uma análise da descrição das relações paradigmáticas de sinonímia e das relações sintagmáticas na lexicografia de língua portuguesa. Para tanto serão estudados verbetes de verbos de dicionários de língua em português. A seguir será apresentado o modelo distribucional para a análise das relações paradigmáticas e sintagmáticas, será aplicado o modelo e, com os dados obtidos, será montado o verbete. Enfim, verificar-se-á em que medida o modelo distribucional pode contribuir para a explicitação dessas relações em verbetes de verbos na lexicografia de língua portuguesa.

\* Síntese da dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa apresentada na UFRGS.

## 2. AS RELAÇÕES PARADIGMÁTICAS E SINTAGMÁTICAS E O DICIONÁRIO.

A noção de relação entre elementos do enunciado não escapou totalmente à gramática tradicional. A sintaxe é vista como uma explicação das relações de significado subjacentes ao enunciado. Essas relações aparecem expressas em termos de sujeito, predicado, objeto, isto é, de papéis que os termos representam na frase.

As relações entre elementos da língua são estudadas nas gramáticas tradicionais em capítulos referentes à morfologia. O paradigma é constituído por um radical combinado com desinências verbais, no caso da conjugação do verbo, indicando noções de tempo, modo, aspecto, número, pessoa, voz, ou unido a desinências casuais, em substantivos, adjetivos, pronomes, indicando gênero, número, pessoa e caso.

Mas foi Saussure (1972) quem estabeleceu a noção de relação, dando-lhe sentido intenso, operatório. A investigação de como e por que os elementos se relacionam leva ao funcionamento da língua. A lingüística estrutural conservou a distinção saussuriana entre relações sintagmáticas e associativas sob os nomes de relações sintagmáticas e paradigmáticas. Muitos lingüistas europeus desenvolveram estudos sobre essas relações: Hjelmslev (1971:55-6); Martinet (1961:31-3); Jakobson (1968:45-6).

Os distribucionalistas consideram que a unidade lingüística entra em relações sintagmáticas com todas as unidades que ocorrem com ela no enunciado e formam seu contexto. A unidade lingüística entra em relações paradigmáticas tão somente com aquelas que podem comutar com ela no mesmo contexto. Há, então, interdependência das duas dimensões. A determinação das unidades deverá considerar as duas relações simultaneamente. É deste ponto de vista que serão entendidas aqui as noções de relações paradigmáticas e sintagmáticas.

O estudo das relações paradigmáticas evidencia que qualquer unidade lexical pode formar uma série de relações virtuais com outras do sistema. A sinonímia é uma dessas relações.

A semântica tradicional considera como unidade lingüística básica a palavra e estabelece relações entre palavras e coisas, constituindo uma nomenclatura. A palavra significa coisas em virtude do "conceito" que, associado à palavra, na mente do falante, é o significado. A sinonímia é a relação de significado entre dois dados léxicos.

A lingüística moderna trouxe contribuições ao estudo da sinonímia. Como decorrência da noção saussuriana de valor surgiu a noção de sentido ligado ao contexto sintático da frase. São sinônimas duas unidades que comutam entre si no mesmo contexto sintático, conservando o mesmo sentido. A sinonímia, entendida desse modo, leva a uma análise que determina o funcionamento conjunto das relações paradigmáticas e sintagmáticas. As reflexões do presente estudo serão norteadas por esse enfoque.

Definidas as noções de relações paradigmáticas e sintagmáticas e de sinonímia, resta averiguar como o dicionário, gênero convencionalmente constituído, pode descrever essas relações. É possível afirmar-se que elas são expressas, no dicionário, pela definição, pela abonação ou exemplo, e pela menção de "construções" e de sintagmas fechados.

A definição lexicográfica é a análise da significação da unidade lexical. A definição por sinonímia é explicada pela repartição da carga semântica entre os elementos definidores (Rey-Debove, 1966). O elemento a ser definido e o elemento definidor se equivalem quanto ao significado, mas um não é derivado do outro (Dubois, 1971:87).

Outro tipo de informação, além da sinonímia, pode constar da definição, que esclarece também sobre as relações sintagmáticas ao descrever os elementos que co-ocorrem com a palavra-entrada. Rey-Debove (1966:93) refere-se a paráfrases como "picar: ferir levemente, falando de uma ponta", em que "falando de uma ponta" especifica a classe dos substantivos na função de sujeito. Informações desse tipo, na definição, fornecem dados também quanto à natureza do objeto de um verbo.

As abonações são exemplos em que a palavra-entrada figura por uma ocorrência. Elas restabelecem o uso dessa palavra no enunciado e mostram seu funcionamento em combinação com outras unidades que com ela ocorrem na frase. Desse modo, as abonações informam sobre as relações sintagmáticas.

As chamadas "construções" de uma unidade lexical abrangem informações relativas à composição do sintagma do qual a palavra faz parte: "absolver alguém de alguma falta" (Dubois, 1971:94).

Os sintagmas fechados, na terminologia de Dubois (1962:45), correspondem a sintagmas cujos elementos apresentam

entre si forte coesão. São unidades complexas de sentido, explica Meschonnic (1964:59), referindo-se à classificação de Dubois.

### 3. AS RELAÇÕES PARADIGMÁTICAS DE SINONÍMIA E AS RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS NOS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

A história da lexicografia da língua portuguesa é longa e rica. Lendo-se os prefácios, as introduções e consultando-se verbetes de dicionários de língua, verifica-se que eles variam entre si quanto à nomenclatura, apresentando ou não termos arcaicos, regionalismos, brasileirismos, termos técnicos ou científicos, que variam quanto ao número de verbetes, quanto à quantidade de abonações, quanto à presença da etimologia, quanto à classificação gramatical, quanto à transcrição fonética mais ou menos completa, quanto ao tipo de definições por paráfrases ou por sinônimos, quanto à apresentação gráfica, quanto ao número de volumes. Mas eles têm em comum o fato de estarem baseados em princípios lingüísticos e metodológicos que, pela observação, não variam fundamentalmente de um para outro. Por essa razão será feito aqui um estudo de apenas dois dicionários, representando os demais: o *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (Nascentes [1972]) e o *Novo dicionário da língua portuguesa* (Ferreira [1975]). A escolha do primeiro justificar-se-ia pela aprovação da Academia Brasileira de Letras, autoridade máxima das letras no Brasil, e a do *Novo dicionário Aurélio*, por ser dos dicionários de língua mais recentemente publicados em língua portuguesa.

O estudo das relações paradigmáticas de sinonímia e das relações sintagmáticas nesses dicionários será limitado à classe dos verbos. Tomando-se, para uma escolha aleatória de dados, a tabela V de números casuais (Fisher & Yates, 1949: 128), traçando-se, a partir do último número da primeira coluna, uma linha reta em diagonal para a direita, encontram-se os seguintes números:

48, 64, 21, 59, 28, 03, 41, 41, 48, 70, 74, 58, 34, 27, 91, 97, 66, 50, 59, 36, 66, 18, 31, 65, 59.

Como tais números correspondem unicamente às páginas dos verbetes de letra A, multiplicou-se por 1 o primeiro número, por 2 o segundo, por 3 o terceiro e assim sucessivamente até o último.

Fez-se corresponder cada um dos números obtidos a uma página do *Novo dicionário Aurélio* e tomou-se o primeiro verbo de cada página, chegando-se aos seguintes:

afrouxar, alcantilar, capinar, arrincoar, acapachar, carnear, escrever, fundar, estampar, contemporizar, cianosar, quibandar, tafular, nupciar-se, jaezar, olhar, forcejar, cocoricar, fechar e tapetar.

#### 3.1 — O Novo dicionário Aurélio

##### 3.1.1 — Relações paradigmáticas de sinonímia

Lendo-se o Prefácio do *Novo dicionário Aurélio* encontra-se referência à sinonímia. Diz o autor, à página VII, que em seu dicionário é "abundante a sinonímia" e que "inúmeras palavras vêm seguidas de sinônimos que, por vezes, chegam a dezenas ou — bem mais raramente — a mais de cem (como em 'meretriz', 'cachaça' e 'diabo')". Todavia, nenhum dos verbetes selecionados para este estudo vem "seguido de sinônimos". Mas eles existem e estão nas definições. Em "afrouxar", por exemplo, há as seguintes definições, por sinônimos ou não:

afrouxar<sup>4</sup>: relaxar o rigor, a austeridade; relaxar  
afrouxar<sup>5</sup>: abrandar, acalmar, aplacar

Em "arrincoar" encontra-se:

arrincoar<sup>2</sup>: pôr em lugar estreito e sem saída; encurralar

Em "escrever" têm-se as seguintes definições:

escrever<sup>13</sup>: fazer riscos, rabiscos, garatujas; rabiscar, garatujar

Das 143 acepções encontradas nos 20 verbetes, 69, ou seja, quase 50%, são definidas por meio de sinônimos.

Considerando-se que a estrutura do verbete de dicionário prevê redundância entre as diferentes informações que ele contém, considerando-se que duas unidades lexicais são sinônimas se podem comutar entre si no mesmo contexto sintático, conservando o mesmo sentido, e tomando-se como contexto, no dicionário, o da abonação, vê-se que muitos dos sinônimos que constam das definições do *Novo dicionário Aurélio* podem participar com a palavra-entrada do contexto proposto pela abonação.

Em capinar<sup>3</sup>, lê-se, como definição "ir embora", "sair", e como abonação: "Capinou cedo.". Os sinônimos encontrados na definição, "ir embora" e "sair", comutam com "capinar" na abonação: Capinou cedo. / Foi embora cedo. / Salu cedo.

O mesmo acontece em:

fundar<sup>6</sup>: proporcionar os fundos necessários para; instituir: Alfred Nobel fundou, em 1900, o prêmio Nobel.

Nesse enunciado, "fundar" pode ser substituído por "instituir", que é o sinônimo mencionado pela definição.

Também em:

estampar<sup>4</sup>: mostrar, patentear: Estampava no rosto a alegria de viver.

O verbo "mostrar" comuta com "estampar" na abonação. Já a substituição de "estampar" por "patentear" nesse contexto parece ser de uso menos corrente.

Em:

fundar<sup>2</sup>: edificar desde os alicerces; construir: Segundo a lenda, Rômulo e Remo fundaram a cidade de Roma.

"fundar" e "construir" têm significados diferentes e, apesar de a substituição de um verbo pelo outro ser possível no citado contexto, não há equivalência de sentido entre os dois verbos.

A dificuldade em "olhar<sup>10</sup>" é de outra ordem: os verbos apresentados na definição como sinônimos de "olhar" não podem ser inseridos nos contextos da abonação, por diferenças de regência: olhar<sup>10</sup>: atentar, considerar: Olhar pelas despesas.

Os fatos expostos estariam conduzindo a alguns esclarecimentos quanto à sinonímia no **Novo dicionário Aurélio**. Em todos os vinte verbetes examinados, os sinônimos aparecem na definição, o que significa que são parte da metalinguagem do dicionário que informa sobre o significado da palavra-entrada. Embora a metalinguagem seja homônima da própria língua que procura examinar, não se confunde com ela. Os sinônimos desses verbetes do **Novo dicionário Aurélio** não constituem material lingüístico, já que não podem funcionar sempre no contexto da abonação. Em conseqüência, não parece ser

possível afirmar-se que a indicação da sinonímia como possibilidade de comutação entre duas unidades no enunciado seja meta do autor do referido dicionário.

### 3.1.2 — Relações sintagmáticas

A definição, a abonação e a apresentação de "construções" e de sintagmas fechados podem dar conta das relações sintagmáticas no dicionário.

A definição informa sobre as relações sintagmáticas ao explicitar a natureza dos elementos que co-ocorrem com a palavra-entrada.

No **Novo dicionário Aurélio**, as co-ocorrências, nos vinte verbetes estudados, são apresentadas em 29 das 143 acepções, o que corresponde a pouco mais de 20%.

A natureza dos co-ocorrentes é indicada algumas vezes entre parênteses, ficando assim essa informação isolada da definição: quibandar; agitar (o arroz, o café, etc.) com o quibando para cessá-los ou peneirá-los.

caronear: dar trabalho excessivo a (do cavalo).

Essa indicação aparece também sem parênteses. Em:

fechar<sup>5</sup>: unir os bordos ou os lábios de "bordos" e "lábios" estariam apontando para substantivos na função de objeto direto de "fechar".

Observa-se que essas informações ocorrem regularmente quando se trata de brasileirismo, como em:

afrouxar<sup>7</sup>: dar liberdade a (o gado)

afrouxar<sup>18</sup>: esfalfar-se (a montada ou o próprio cavaleiro)

Elas aparecem também na definição de termos técnicos:

escrever<sup>6</sup>: comunicar ou introduzir (informações) em alguma parte da memória, seja em fitas magnéticas, seja em discos magnéticos.

Essas informações ocorrem ainda em acepções de uso popular:

estampar<sup>8</sup>: pespegar (uma bofetada).

Desse modo, poder-se-ia concluir que as indicações sobre a natureza dos termos co-ocorrentes da palavra-entrada, pelo menos nos vinte verbetes estudados, são mencionadas principalmente em usos específicos, em que a existência de uma coesão mais forte entre as unidades levaria o lexicógrafo a explicitá-las. Quando as restrições são mais tênues, o dicionário nem sempre as fornece.

A informação sobre as relações sintagmáticas da unidade lexical é dada ainda pela abonação. No **Novo dicionário Aurélio**, 88 das 143 acepções estudadas são abonadas, isto é, 62%, sendo que nenhum verbete tem todas as suas acepções seguidas de exemplos. Os verbetes que apresentam maior número de abonações são aqueles cuja palavra-entrada tem frequência mais alta na língua, os mais polissêmicos, como: fechar, olhar, escrever, fundar, forcejar.

Em alguns casos, a abonação apresenta dados sobre termos co-ocorrentes da palavra-entrada, completando indicações já dadas pela estrutura da definição, como se observa em:

fechar<sup>2</sup>: unir, juntar, ajuntar as partes separadas de; cerrar: "Se eu morresse amanhã, viria ao menos/Fechar meus olhos minha triste irmã" (Alvares de Azevedo, *Obras Completas*, I, p. 326).

A informação sobre a natureza do objeto direto, dada na definição por meio de "as partes separadas de", fica esclarecida na abonação que, neste caso, não repete apenas os elementos da definição, mas acrescenta-lhe alguma especificação.

Quando a paráfrase da definição não traz dados sobre os co-ocorrentes, estes podem aparecer na abonação, como em:

fechar<sup>15</sup>: v. t. d. Na sinalização de trânsito, fazer passar (o sinal verde, que indica trânsito livre) a vermelho que indica impedimento: O guarda fechou o sinal.

fechar<sup>25</sup>: v. i. Na sinalização de trânsito, passar (o sinal) de verde, que indica trânsito livre, a vermelho, que indica impedimento: O sinal fechou de repente, exigindo uma freada brusca.

A comparação entre essas duas acepções do verbo "fechar" mostra que a diferença entre elas está na natureza do sujeito de "fechar": animado para o verbo transitivo e inanimado para o verbo intransitivo. Esse fato, que não consta da definição, pode ser depreendido das respectivas abonações.

Resta saber se esse procedimento é intencional no **Novo dicionário Aurélio**. Se a definição, onde aparecem descrições de co-ocorrência, como metalinguagem, é uma reflexão consciente sobre a língua e se a definição de "fechar<sup>15</sup>" e de "fechar<sup>25</sup>", por exemplo, e de muitas outras nesse dicionário, não referem a natureza dos termos co-ocorrentes, parece ser possível pensar-se que esses elementos são mencionados, quando o são, por imposição da língua, não se podendo afirmar que a referida informação seja intencional, da parte do lexicógrafo. Além disso, as restrições de co-ocorrências encontradas nas abonações são insuficientes, tendo em vista o fato de que, para encontrar essas informações, o leitor deverá deduzir, dos exemplos que lê, dados relativos a essas restrições. Em certos casos, porém, a dedução pela observação dos exemplos pode levá-lo a conclusões falsas, o que parece confirmar a hipótese de que a menção dos elementos que co-ocorrem com a palavra-entrada no enunciado não é intencional. A existência desse tipo de informação em apenas 20% das definições e o fato de 38% das acepções não serem abonadas reforçaria a hipótese.

Quanto à explicitação dos sintagmas fechados, esta só é encontrada, dentre os vinte verbetes estudados, em "olhar", que menciona "E olhe lá", com duas acepções, cada uma delas com definição e abonação.

A "construção" da palavra é mencionada em 8 das 69 abonações construídas pelo lexicógrafo. É apresentada em abonações formadas pelo infinitivo seguido por um sintagma nominal ou por um sintagma preposicional, como em:

afrouxar<sup>4</sup>: afrouxar a disciplina

olhar<sup>10</sup>: olhar pelas despesas.

Esses elementos são fornecidos ao leitor ocasionalmente em alguns exemplos construídos e não com a finalidade expressa de esclarecer sobre as relações sintagmáticas da palavra-entrada. Embora não despreze esse tipo de informação, o lexicógrafo não lhe dá lugar especial no seu dicionário.

### 3.2 — O dicionário da Academia

A edição do dicionário da Academia, dirigido por Antenor Nascentes, que servirá para este estudo, é a que foi publicada pela Bloch, em 6 volumes ilustrados, e que sofreu várias modificações com relação à obra inicial que Nascentes apresentou à Academia, em 1943, para "as devidas alterações". Na edição ilustrada foi suprimida a transcrição fonética, foi au-

mentado o número de acepções e de abonações, foram desenvolvidas algumas definições e os verbetes foram reorganizados em função da classificação gramatical.

Alguns dos vinte verbetes estudados no **Novo dicionário Aurélio** não constam dessa edição do dicionário da Academia: caronear, quibandar, nupciar-se e tapetar.

### 3.2.1 — Relações paradigmáticas de sinonímia

Aproximadamente 40% das 96 acepções encontradas são definidas por sinônimos. Como se verificou no **Novo dicionário Aurélio**, também aqui, em várias acepções, os sinônimos comutam com o verbo no contexto da abonação, como em:

escrever: redigir: escrever um livro.

Em outras acepções, no entanto, essa substituição torna-se impossível:

fechar: impedir, obstruir: O ônibus fechou o carro.

Assim, a sinonímia só é dada na definição, como metalinguagem. Embora possam ser encontrados casos em que o sinônimo pode funcionar na língua, esse procedimento não é constante, não parecendo ser possível dizer-se que a sinonímia tem caráter lingüístico no dicionário da Academia.

### 3.2.2 — Relações sintagmáticas

A natureza dos termos que co-ocorrem na frase com o verbo é apresentada pelo dicionário da Academia na definição. O procedimento de apresentação é semelhante ao do **Novo dicionário Aurélio**: uso de parênteses, ou nenhuma distinção gráfica, integrando essa informação à definição:

afrouxar: entibiar (qualquer faculdade moral ou intelectual)  
afrouxar: (...) dar liberdade ao gado e à boiada.

Encontram-se, nessas indicações, restrições de uso como aquelas em que só uma palavra ocorre com exclusividade:

cocoricar: cantar (o galo).

Também neste dicionário as indicações sobre a natureza dos co-ocorrentes são fornecidas quase sempre em acepções em que há coesão mais forte entre os elementos.

Examinando-se as abonações, verifica-se que nos 16 verbetes analisados há 23% de abonações. Elas fornecem informações sobre os termos que co-ocorrem com o verbo, o que talvez possa ser explicado, em parte, pela opção do lexicógrafo de construir ele próprio suas abonações, o que o leva ao funcionamento do verbo na frase. Todavia, a ausência de abonação em mais de 75% das acepções não permite que se conclua que o dicionário da Academia tem como meta a descrição das relações sintagmáticas.

Sintagmas fechados aparecem no verbete "fechar". Mas esse procedimento só consta desse verbete.

### 3.3 — Conclusão

Este breve estudo do **Novo dicionário Aurélio** e do dicionário da Academia evidencia que a sinonímia inexistente praticamente como material lingüístico. Ela aparece como relação de sentido entre duas unidades isoladas dos enunciados dos quais elas participam. Como a descrição das relações sintagmáticas, embora não seja negligenciada, não é sistemática, não é intencional, a descrição dos significados prevalece sobre a descrição das relações sintagmáticas.

A concepção do dicionário voltada para o significado traz conseqüências no plano da sua utilização. Se o dicionário de língua informa sobre o funcionamento dessa língua, o leitor que o consulta deve poder encontrar nele elementos que lhe permitam não só compreender o significado de uma unidade lexical, como também de se expressar, utilizando-a num enunciado. Ora, o leitor dispõe de poucos dados quanto ao plano da expressão, já que o estudo das relações sintagmáticas se mostra pouco desenvolvido naqueles dicionários.

## 4. O MODELO DISTRIBUCIONAL DE JEAN DUBOIS

Tendo em vista o resultado da análise anteriormente feita, propõe-se que se busque um modelo que dê conta das relações paradigmáticas de sinonímia e das relações sintagmáticas.

O lingüista francês Jean Dubois transpôs para o léxico o método que Zellig Harris (1974) e os distribucionalistas utilizaram em suas análises. A lingüística distribucional se propõe como objetivo a descrição de um todo homogêneo, sincrônico, de enunciados realizados, representativos de um sistema. Procura definir a combinatória interna dos elementos e faz sua descrição baseada no princípio da imanência, excluindo de sua

análise toda preocupação extralingüística. Assim é que ficam rejeitados os elementos falante e situação, considerados como estudos que não são os da lingüística.

O sentido aparecerá apenas "a título de técnica; nunca será interpretado ou analisado" (Dubois, 1965:7). Mesmo quando tomado em consideração, não se torna necessária a formulação completa e detalhada do sentido (Harris, 1974:187).

O conceito de distribuição como a liberdade de ocorrência dos diversos segmentos (ou unidades lexicais) uns em relação aos outros (Harris, 1974:5) determina, no modelo de Jean Dubois, a análise dos elementos que ocorrem à direita e à esquerda da unidade lexical integrada num contexto maior que é a frase.

Várias unidades lexicais formam um conjunto quando apresentam contextos ("vizinhança de um elemento dentro de um enunciado", Harris, 1974:15) em comum. Se os contextos diferem em algum ponto, formam subconjuntos em relação de intersecção. Se não há nenhum contexto em comum, os subconjuntos estão em relação de complementaridade.

A unidade que só admite um número limitado de contextos é considerada o caso marcado por oposição à que abrange um número maior de contextos, caso não marcado. Dubois postula que, no léxico, as unidades não marcadas são as que têm maior freqüência (Dubois, 1964).

Consideram-se sinônimas "duas unidades cujas distribuições se superpõem quase completamente, já que admitem os mesmos contextos" (Dubois, 1964:8). Isso significa que a sinonímia corresponde às zonas de intersecção das distribuições. No modelo de Jean Dubois ela é estudada ainda sob o aspecto de alternância de marcas. As unidades sinônimas representam caso marcado e caso não marcado umas em relação às outras, dependendo de suas possibilidades combinatórias e de sua freqüência. A unidade lexical que constitui o caso não marcado é a de uso corrente e o caso marcado é a de uso específico, com conseqüências no plano da comunicação, trazendo maior carga de informação.

Para a descrição sincrônica de um estado de língua no dicionário, Dubois propõe como ponto de partida a dupla definição estrutural da unidade lexical: a estrutura paradigmática e a estrutura sintagmática (Dubois, 1962).

Os valores de uso, isto é, as especificações dos significados, serão definidos por oposições entre os elementos que

seguem e os que precedem a unidade lexical. As oposições que definem valores de uso diferentes se verificam tanto no contexto da unidade lexical no enunciado. (Ele voltou./Ele voltou a cabeça) quanto na natureza (animado ou inanimado) do sujeito ou do complemento (Ele refletiu na resposta./O espelho refletiu a imagem.).

Para a análise, que trará os dados para a elaboração do verbete de dicionário, torna-se indispensável a realização de um quadro dos sintagmas em que a unidade lexical pode ocorrer. A classificação dos sintagmas dá os elementos para a elaboração de outro quadro com as possibilidades de realização fraseológica da unidade em estudo e com os valores de uso representados por uma definição de conjunto.

## 5. A ANÁLISE DISTRIBUCIONAL APLICADA AO DICIONÁRIO

Foi escolhido para a análise um verbo dentre os selecionados para o estudo do **Novo dicionário Aurélio** e do dicionário da Academia, "olhar", que apresenta bom número de acepções e, em conseqüência, certa complexidade estrutural.

### 5.1 — Relações sintagmáticas

Procedendo-se a um levantamento dos tipos de sintagmas dos quais o verbo "olhar" faz parte, classificando-os por ordem crescente de complexidade, chega-se ao Quadro I, do qual constam também exemplos. Vários dicionários foram consultados para esse levantamento, porém os enunciados aí encontrados foram modificados, simplificados, conservando-se os sintagmas.

QUADRO I

Verbo OLHAR - Relações sintagmáticas - Sintagmas

1	2	3
SN <sub>1</sub> + V + zero	SN <sub>1</sub> + V + — advérbio — adjetivo	V + zero + prep. e compl.
Olhou, mas não ha- via ninguém. Ele se contenta em olhar.	Olhou atentamente. Olhou cuidadosamen- te. Olhou rapidamente.  Todos olharam atôn- itos.	Olhou pela janela. Olhou no jornal. Olhou em cima da mesa.
V + prep. e compl.	SN <sub>1</sub> + V + SN <sub>2</sub>	SN <sub>1</sub> + U + frase
Olhou de fora. Olhou para trás.	Ficou olhando a rua. Que Deus nos olhe! Olha o perigo!  A janela olha o mar.	Ficou olhando a chuva cair./Olha co- mo eu faço./ Olha que veio cair./Olha se ela já chegou.
SN <sub>1</sub> + V + SN <sub>2</sub> + Prep. e compl. (eventual- mente)	SN <sub>1</sub> + V + SN <sub>2</sub> + prep. e compl.	SN <sub>1</sub> + V + SN <sub>2</sub> (pronome) + adjetivo
Olhou a paisagem com admiração./O- lhou tudo com cui- dado.	É preciso olhar as coisas de frente.	Não se olhas ven- cido, olha-se ven- cedor.
SN <sub>1</sub> + V + SN <sub>2</sub> + COMD + adj. ou subst.	SN <sub>1</sub> + V + SP (objeto indireto)	SN <sub>1</sub> + V pronominal + zero
Olhou como impru- dente a tua atitu- de. Olhou como desa- fio a tua atitude.	Olha para o futuro. Deus olha por nós.  A serra olha para o sul.	Eles se olharam.  As duas casas se olhavam.
SN <sub>1</sub> + V pronominal + zero + prep. e compl. (eventualmente)	SN <sub>1</sub> + V pronominal + frase (eventualmen- te)	SN <sub>1</sub> + V pronominal + prep. e compl.
Eles se olharam com desconfiança.	Eles se olharam sem se falar.	Eles se olharam de través.

5.1.1 — As classes dos co-ocorrentes e os valores de uso

Considerando-se, num enunciado mínimo SN + SV, as possibilidades de ocorrência do SN à esquerda do verbo, na função de sujeito, observa-se que substantivos de duas classes distintas podem aparecer:

- nomes de seres animados (humanos e não humanos)  
Ele se pôs a olhar a rua.  
O cãozinho ficou olhando para o dono.
- nomes de seres inanimados concretos, com exclusão dos abstratos:

As janelas da casa olhavam a rua.

A oposição das distribuições corresponderia uma oposição dos valores de uso. A construção 1, "olhar" com sujeito animado, corresponderia a definição:

- posição do pensamento frente ao mundo.

- A construção 2, "olhar" com sujeito inanimado,  
— posição de objetos no espaço.

É possível distinguir-se dois subconjuntos que aparecem em relação de complementaridade, já que não apresentam nada em comum quanto aos seus contextos à esquerda.

A observação do Quadro I permite que se conclua, quanto à esquerda de "olhar", que a construção 1 (sujeito animado) recobre maior número de contextos, sendo que a construção 2 (sujeito inanimado) é excluída de grande parte deles. Decorre daí que a construção 1 é mais freqüente, considerando-se a construção 2 como marcada em relação à construção 1, o que explicaria o valor de uso literário, ou de língua escrita cuidada da construção 2.

Dentro do subconjunto formado pela construção 1 é possível encontrar-se outra oposição:

- Olha para esta criança.
- Ó Deus, olha para esta criança!

À diferença entre sujeito animado humano e sujeito entidade divina corresponde diferença nos valores de uso.

Mas há neutralização da oposição semântica com sujeito animado humano e sujeito entidade divina à esquerda, na construção "olhar" e preposição "por":

Ela olha pelos seus filhos.  
Deus olha pelos seus filhos.

Retomando o enunciado mínimo SN + SV e examinando-se agora as classes de palavras que ocorrem à direita do verbo "olhar", formando com ele o sintagma verbal, encontram-se:

— nomes de seres animados (na construção 1: sujeito animado).  
Ele olhou para o amigo.

Nomes de seres animados não ocorrem como complemento de "olhar" na construção 2 (sujeito inanimado). Enunciados de construção 2 do tipo:

A lua nos olhava.

que parecem contradizer a afirmação anterior, vêm confirmá-la. O sujeito inanimado torna-se animado, e isso encontra explicação justamente no fato de que nessa posição é mais freqüente a ocorrência de nome de ser animado (construção 1), com nome de ser animado à direita.

A direita de "olhar" aparecem também:

— nomes de seres inanimados concretos (para as construções 1 e 2):

Ela ficou olhando a rua.  
A janela olhava a praça.

Nomes abstratos ocorrem com a construção 1, de sujeito animado, mas somente em contextos em que esses nomes abstratos são seguidos por complemento, chegando-se, assim, à neutralização da posição concreto/abstrato:

Ele ficou olhando a vaidade dela / a coragem dela / o orgulho dela.

Nomes abstratos, sem complemento, aparecem com outro valor de uso:

Olha a vaidade!  
Olha o perigo!

Na construção 2, de sujeito inanimado, substantivos abstratos ocorrem à direita do verbo:

A torre olha o norte.

A oposição concreto/abstrato, na construção 2:

A torre olha a praça.  
A torre olha o norte.

correspondem valores de uso diferentes do tipo: em frente de / voltado para.

Em sintagmas livres, na construção 1, com sujeito animado, encontram-se, à direita do verbo "olhar", substantivos que determinam o valor de uso do verbo em enunciados como:

Prometeu olhar as crianças / o cãozinho / o pai doente / a casa.

Olhou os promenores / a qualidade da mercadoria.

Verifica-se que o modelo distribucional não dá conta de tais contextos. Para explicar as diferenças nos valores de uso seria necessário recorrer-se a uma análise dos componentes do significado dos substantivos que aparecem à direita do verbo. Esse estudo faria com que o significado deixasse de ser instrumento de análise para se tornar o próprio objeto da análise, escapando ao modelo.

Valores de uso semelhantes, no entanto, são encontrados em sintagmas preposicionados (com as preposições "por" e "para") na construção 1, com sujeito nome de ser animado ou entidade divina:

Prometeu olhar pelas crianças / pelo cãozinho / pelo pai doente / pela casa.

Deus olha para seus filhos.

Nesses contextos, em que os valores de uso aparecem ligados às possibilidades combinatórias do verbo, no plano dos significantes, desfaz-se a ambigüidade que se verifica em sintagma livre.

#### 5.1.2 — Possibilidades combinatórias e valores de uso.

No subconjunto formado pela construção 1 do verbo "olhar" com sujeito animado encontram-se várias estruturas em relação de inclusão quanto aos valores de uso, que são semelhantes:

SN + V + Ø: Ficou olhando mas não viu nada.

SN<sub>1</sub> + V + SN<sub>2</sub>: Ficou olhando a rua.

SN + V pronominal: Olharam-se frente a frente.

SN + V + SP do grupo verbal (preposição "para"): Ficou olhando para ele.

SN + V + SP de frase (preposições "por", "em cima de", "embaixo de", "ao lado de", "junto de", "dentro de", "fora de",...): Ficou olhando pela janela. / Olha em cima da mesa. / Olha ao lado do armário / junto da parede / perto da caixa.

Verificam-se diferenças de distribuições, traduzindo diferenças de significado em enunciados como:

Não me olhes.

Não me olhes vencido.

em que SN<sub>1</sub> + V + SN<sub>2</sub> pronome pessoal se opõe a

SN<sub>1</sub> + V + SN<sub>2</sub> participio na função de predicativo do SN<sub>2</sub> constituído, este, por pronome pessoal.

Se SN<sub>2</sub> for, não um pronome pessoal, mas um substantivo, há uma variante:

SN<sub>1</sub> + V + SN<sub>2</sub> + COMO + adjetivo ou substantivo, sem alteração no valor de uso:

Olhou como imprudente a atitude do amigo.

Olhou como um desafio este sto seu.

Encontram-se sintagmas com valores de uso semelhantes como:

Ele não me olha com bons olhos.

Ele os olha com olhos de pai.

Há ainda distinções nos valores de uso em sintagmas preposicionados, com as preposições "para", "por", "a", "em":

Olhou para a rua.

Ó Deus, olha pelos teus filhos!

Olhou pelas crianças.

Ele não olha a nada, a ninguém.

Olhou no dicionário.

O sintagma preposicionado "olhar sobre", que aparece com a construção 2, de sujeito inanimado, dá conta de um novo valor de uso:

A torre da igreja olha sobre as montanhas.

Em conclusão, a análise das relações sintagmáticas do verbo "olhar" aponta, como se verificou anteriormente, para a existência de dois subconjuntos que estão em relação de complementaridade quanto ao contexto da esquerda (sujeito nome de ser animado oposto a sujeito nome de ser inanimado), mas com certo paralelismo quanto aos valores de uso, com duas definições de conjunto:

- posição do pensamento frente ao mundo
- posição de objetos no espaço

Em cada um desses subconjuntos existem contextos que têm entre si semelhanças quanto aos valores de uso e outros que apresentam valores de uso distintos.

Encontrar-se-iam definições parciais que poderiam ser assim expressas:

- posição do pensamento frente ao mundo:

. diante de (com diversas aplicações do pensamento: fixar os olhos, observar, consultar, verificar, assistir, dar atenção, procurar, contemplar, examinar)

- . voltado para (significando "cuidar de")
- . superior a (no sentido de "julgar")

- posição de objetos no espaço:

- . diante de
- . voltado para (indicando direção)
- . superior a

Dispondo-se os sintagmas do verbo "olhar" em sentido horizontal e os valores de uso no sentido vertical, chega-se ao Quadro II.



sgmas, valores de uso e meios de expressão

+V+SN <sub>2</sub> +prep. e compl.	SN <sub>1</sub> +V+SN <sub>2</sub> (pron.)+ adj.	V+SN <sub>2</sub> +COMO $\begin{cases} \text{adj.} \\ \text{subst.} \end{cases}$	SN <sub>1</sub> +V+SP	Olhar-se+g	Olhar-se+g+prep. e compl.	olhar-se+frase	olhar-se+prep. e compl.
e se olhou de o./Ele o olhou através./ Agora se olha-lo de nte./Olhou tudo de alto a bai-			Ele ficou olhando para o mar (para a amiga). Ele não olha a despassas ( a nada, a ninguém)./ É preciso olhar para o futuro ( para o dia de amanhã). Olhou no jornal (no guia telefônico, no dicionário, no calendário, na passagem, na tabela, no livro, no relógio)	Eles se olharam.	Eles se olharam com desconfiança.	Eles se olharam sem falar./Ela deveria se olhar antes de falar dos outros.	Eles se olharam de través ( de longe, de perto, de alto a baixo, de frente)
			Ó Deus, olha para este pobre mortal./ À tarde, ela olha pelas crianças (na casa)./Olha por ti, Deus olha por nós.				
Não se olhas vendido, olha-se vendido.		Olhou como inoportuna a atitude do amigo./Olhou como uma imprudência a minha atitude.	Olhar alguém com olhos de pai./ Olhar alguém com bons olhos.				
			Sua janela olha para o mar.	As duas casas se olhavam.			
			A serra olha para o sul./A cidade olha ao ocidente.				
			O campanário olha sobre o casario.				

## 5.2 — Relações paradigmáticas de sinonímia

Para o estudo das relações paradigmáticas de sinonímia será tomado o conjunto formado pelos verbos "olhar", "ver" e "enxergar". A operação básica para a análise será a da comutação.

Os contextos levantados através de consulta a vários dicionários foram divididos em zonas de acordo com a presença ou a ausência de sintagma nominal ou preposicional à direita do verbo e de acordo ainda com os valores de uso.

Os diferentes contextos, juntamente com as classes dos co-ocorrentes, os valores de uso e exemplos, compõem o Quadro III.

VALORES DE USO	CLASSES DOS CO-OCORRENTES	EXEMPLOS	OLHAR	VER	EXAMINAR	ZONA
Presença de sintagma & direita do verbo	1. Posição de pensa-mento frente ao mundo 1. diante de	Silhou as pessoas (o carro, o sinal, as parsonagens). Olhar o segredo (a vontade de alguém). Olhar a chuva cair./Olhar a que horas saía o avião./Olha como eu faço./ Olhar para a selva (para a rua)./Olhar no dicionário./Não olhar a nada./Olhar-se no espelho./Eles se olharam. Ver o perfil de um livro (uma cidade, um crime)./Ele viu a guerra de 1914./Ver a frequência de alguém./Ver como alguém quer chegar./Viu que podia ganhar a partida./Vê onde estão os criancas./Vê se ela chegou./Quero vê-lo deputado./Ver-se na televisão./Ver-se desacomodado./Eles se olham frequentemente./Encarou-a três vezes nos olhos dele./ Encarregar um erro.				1
	2. voltado para	Ficou em casa para olhar as crianças./Deus nos olhe./Deus, olhe para esta pobre mortal./Olhar pelas crianças./Olha por ti./Deus olhe pelas suas filhas.			2	
	3. superior a	Não se olhe vencido./Olhou com imprudência teu gesto./Não o vejo como inimigo.			3	
	4. Posição de objetos no espaço. 4. diante de	sujeito & nomeado "olhar" + inanimado concreto	A estátua olha a praça./A casa olha para o rio./ As janelas das casas se olhavam.			4
Inexistência de sintagma & direita do verbo	2. volta-do para	sujeito & nomeado "olhar" + inanimado (direção)	A esquila esgótica olha a norte./A barra olha para o sul./A casa olha ao ocidente.			5
	3. superior a	sujeito & nomeado "olhar" + inanimado concreto	A torre olha sobre as montanhas			6
	1. Posição de pensa-mento frente ao mundo 1. diante de	sujeito & nomeado	Contentar-se em olhar./Aprender a olhar./Todos olhavam atentos./Olhar por toda parte./Olhar pelo buro de fechadura./ Olhar as alas de mesa. /Ela está enxergando pouco.			7
Contextos limitados		Olhar as coisas de frente./Olhar de lado./Olhar de breves./Olhar de fora./Olhar para trás./Olhar de ra frente./Olhar alguma coisa por alto./Olhar com olhos de pai (ou mãe) olhos./Olhar para o futuro. Ver de longe./Nada tenho a ver com isso!/Nunca vi uma coisa assim!			8	

Os contextos mencionados no Quadro III, sob a forma de enunciados, foram submetidos a 5 falantes nativos do português aos quais se solicitou que indicassem com "x" os casos em que julgassem ser possível substituir um verbo pelo outro, com "s", os contextos em que se pudesse usar um verbo pelo outro, mas em que a substituição trouxesse alteração no sentido, com "o" (zero), a impossibilidade de substituição. Em alguns casos houve respostas diferentes para os mesmos enunciados. Tais informações divergentes foram consideradas como resposta "o".

Examinando-se as respostas obtidas, quanto às ocorrências de "olhar" e "ver", percebe-se que o verbo "olhar" recorre quase todas as zonas, com exceção de alguns contextos. "Ver" aparece em relação de complementaridade com "olhar" nas zonas 4, 5 e 6, de construção 2 (sujeito inanimado). Nessa distribuição só "olhar" pode ocorrer, já que "ver" aparece aí como conjunto vazio. "Olhar" e "ver" estão em relação de complementaridade também na zona 2, de construção 1 (sujeito animado) em que só "olhar" ocorre.

Também na zona 7, "olhar" predomina em quase todos os contextos, apresentando, porém, uma distribuição comum com "ver" em:

SN + V + SP (preposição "em" indicando lugar): Olha<sub>1</sub> (vê) em cima da mesa.

Os dois verbos estão em relação de inclusão na zona 3, com as distribuições:

SN + V + SN<sub>1</sub> (pronome) + participio (predicativo do SN<sub>2</sub>): Não me olhes (vejas) vencido.

SN + V + SN<sub>1</sub> (pronome ou substantivo) + COMO + adjetivo ou substantivo (predicativo do SN<sub>2</sub>): Olhou (viu) como criminosa sua intenção / Olhou (viu) como um desafio a sua atitude.

Na distribuição:

SN + V + frase (introduzida por "como", "se", "quando", "onde", ou frase infinitiva),

os dois verbos podem ser usados:

Olha (vê) como eu faço.  
Ele foi olhar (ver) se ela tinha chegado.  
Ficou olhando (vendo) a chuva cair.

"Enxergar" comuta com "olhar" como verbo pronominal em enunciados do tipo:

Ele deveria se olhar (se enxergar) antes de falar dos outros.

"Enxergar", excluído das zonas 2, 3, 4, 5 e 6, ocorre em poucos contextos, aparecendo como marcado relativamente a "olhar", o que talvez explique o valor de uso de "enxergar", de nível familiar nessa distribuição.

As comutações possíveis entre "olhar", "ver" e "enxergar" estão na zona 1, a de mais alto rendimento funcional, com as distribuições:

$SN_1 + V + SN_2$  : Ele queria olhar (ver / enxergar) as pessoas que entravam.

$SN_1 + V$  pronominal + O: Olharam-se (viram-se / enxergaram-se) e sorriram.

$SN_1 + V$  pronominal + SP (preposição "em" indicando lugar): Ele se olhou (se viu/se enxergou) no espelho e sorriu.

Observa-se, porém, que a substituição de um verbo pelo outro, nesses contextos, acarreta alteração nos seus valores de uso. Apesar de haver possibilidade de comutação entre "olhar", "ver" e "enxergar", não se pode dizer que sejam sinônimos. Repete-se aqui o que já se verificou no estudo sobre a classe dos co-ocorrentes à direita de "olhar": o modelo distribucional não tem resposta para esses contextos de sintagmas livres. As restrições entre os elementos não se situam no plano do significante, mas no do significado, exigindo para a explicação da não identidade entre os valores de uso, a análise dos componentes do significado, o que não é previsto pelo modelo.

### 5.3 — O verbete

Os dados obtidos por meio da análise das distribuições devem fornecer elementos para a constituição do verbete.

No plano das relações sintagmáticas, os enunciados estudados trarão dados para a abonação, que será feita de exemplos construídos, na maior parte de verbos no infinitivo seguido de complemento, mas também de enunciados mínimos:  $SN + V + SN$ . A análise das classes dos co-ocorrentes

deverá informar quanto à esquerda do verbo, que será explicitada logo após a classificação gramatical e quanto à direita do verbo, que aparecerá sob a forma de indicação da construção da unidade lexical, introduzindo cada nova acepção. Os sintagmas figurarão no verbete.

As definições lexicográficas serão elaboradas a partir dos valores de uso obtidos pela análise. Haverá, então, no verbete, uma definição geral para as distribuições que apresentam valores de uso semelhantes. Definições particulares serão indicadas quando se tornarem necessárias para informar sobre as diferenças de valores de uso.

A sinonímia figurará depois dos diferentes contextos, mostrando os casos em que pode haver equivalência de uso entre as unidades.

Quanto à metalinguagem, vão passar para o verbete alguns elementos da análise: nome de ser animado humano, nome de ser inanimado, concreto, abstrato.

As diferentes acepções serão organizadas seguindo a ordem freqüencial. Inicialmente serão mencionadas as acepções não marcadas, vindo depois as de uso menos freqüente.

Quanto à metalinguagem, vão passar para o verbete alguns elementos da análise: nome de ser animado humano, nome de ser inanimado, concreto, abstrato.

As diferentes acepções serão organizadas seguindo a ordem freqüencial. Inicialmente serão mencionadas as acepções não marcadas, vindo depois as de uso menos freqüente.

## 6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Examinando-se o verbete "olhar", incompleto relativamente a um dicionário real, tendo em vista que foi montado visando apenas ao estudo das relações paradigmáticas de sinonímia e das relações sintagmáticas, observa-se que:

— as definições de conjunto e as definições específicas, reduzidas em número e em extensão, aparecem relacionadas entre si e não informam sistematicamente sobre a natureza dos termos co-ocorrentes. Estes figuram principalmente na descrição explícita dos termos co-ocorrentes, que indica a natureza dos substantivos à esquerda e à direita, a construção do verbo (olhar alguém + adjetivo).

— as abonações, feitas de exemplos construídos, completam a descrição dos co-ocorrentes e mostram a natureza dos substantivos à esquerda e à direita, e a construção do verbo.

— a indicação dos sintagmas fechados é feita logo após os contextos nos quais eles se enquadram.

A sinonímia consta algumas vezes da definição e esclarece quanto ao significado. Ela é indicada também depois de cada contexto no qual ela pode comutar com a palavra-entrada com o mesmo valor de uso. A sinonímia é entendida aqui como metalinguagem e como material lingüístico.

Esses elementos permitem que se pense que, no verbete "olhar", o eixo lexicográfico passa da interpretação do significado para a interpretação do significado em união com as possibilidades combinatórias da unidade lexical no plano do significante.

Numa obra lexicográfica baseada em análise desse tipo, a "palavra" deixa de ser uma unidade definida por suas relações lógicas, isolada de seu contexto lingüístico, para se tornar uma unidade situada num contexto definido por suas relações com outras "palavras" do enunciado e do sistema. Isso parece trazer alguma alteração na técnica convencional da elaboração de verbete de dicionário. No verbo "olhar", por exemplo, é o contexto da esquerda que determina seus valores de uso e seu funcionamento. Em consequência, o verbete deve ser organizado em torno do sujeito: nome de ser animado ou nome de ser inanimado.

A ênfase atribuída ao eixo sintagmático na análise da unidade lexical, aplicada à lexicografia, parece ter conseqüências

OLHAR. 2. v.t.d. - 1. SUJEITO NOME DE SER ANIMADO. 1º Olhar alguém ou alguma coisa, dirigir os olhos para pessoas ou coisas (Ela queria olhar as pessoas que passavam. Parou para olhar um carro na rua. Olhou rapidamente o jornal (= dar uma olhada, passar os olhos sobre). Ele me olhou fixamente (= encostar). Olhou o relógio: a saiu (= consultar). O diretor foi olhar o regulamento antes de tomar uma decisão (= consultar) (sin.: VER). Olhou o sinal e atravessou a rua (= consultar). Olhar os detalhes, a qualidade da mercadoria (= examinar). Olhar um livro com cuidado (= examinar). Olho a valdade dele! (= observar) (sin.: VER). Fiquei olhando como ele fazia o trabalho. Olha como está chegando! (= observar) (sin.: VER). Olha o carro! Olha o perigo! Olha o degrau! Olha que vai sair! (= atentar para). Pois olhe, creio que essa situação não tem remédio (= atentar para). Olha, você não tá certo. Ele foi olhar se ela já tinha chegado (= verificar) (sin.: VER). Olha onde o João pôs o meu livro (sin.: VER). Vou olhar no calendário quando podemos viajar (sin.: VER). Olha na passagem a que horas sai o avião (sin.: VER). Ficou olhando a chuva cair (sin.: VER)//Tao: (Ela me olhou (= dar atenção)).//Olhar televisão, assistir.//Olhar alguém de frente, encostar.//Poder olhar alguém de frente. Ter a consciência tranqüila e sem respeito.//Olhar alguma coisa de frente, enfrentar (sin.: VER).//Olhar alguém de lado, com desconfiança.//Olhar alguém de través, não observação.//Olhar alguma coisa por cima. (sin.: VER). Olhar ra piadante. - 2º Olhar alguém ou alguma que necessitam de cuidado, cuidar! Olhou se casa para olhar as crianças e o pai doente. Olha que criança a ca e a queimou pela amiga. Que Deus nos olhe (= proteger).

11. SUJEITO NOME DE SER INANIMADO (CONCRETO). 1º Olhar alguma coisa (concreto) Lit., estar diante de sua janela olhava o mar. - 2º Olhar e olhar abstrato. Lit., estar voltado para alguma direção: A agulha magnética olha o norte.

3. v. transitivo. SUJEITO NOME DE SER ANIMADO HUMANO. 1º Olhar alguém (o adjetivo), ou olhar alguém como (= o adjetivo), ou olhar alguma coisa como (= o adjetivo ou substantivo). Julgar: Não me olhe vendido, olha-se vencedor (sin.: VER). Não o olho como inimigo (sin.: VER). Olhou com imprudência e atitude de respeito ao amigo (sin.: VER)// Olhar alguém ou alguma coisa com bem olhar. Julgar: Com respeito ou simpatia (sin.: VER)//Olhar alguém com olhos de pai, julgar com benevolência (sin.: VER).

C. v.t.i. - 1. SUJEITO NOME DE SER ANIMADO. 1º Olhar para (a, em, contra) alguém ou alguma coisa. Ela ficou olhando para o mar. Ele olhou para os amigos (= fixar os olhos em). Olhar para o futuro, para o dia da semana (= atentar para). Ele não olha a nada, a ninguém (= dar atenção). Olhou em nós a falou (= dar atenção). Olhar no relógio, no jornal, no calendário, no guia telefônico, no dicionário (= consultar). Olhar contra o mar (fixar os olhos). - 2º Olhar para (por) alguém ou alguma coisa que necessitam de cuidado, cuidar! Olhou se precisava que olhasse por si e pela sua casa. Deus olha por nós, pelo nosso lar (= proteger).

11. SUJEITO NOME DE SER INANIMADO (CONCRETO). 1º Olhar para alguma coisa. Lit., estar diante de: A casa olhava para o mar. - 2º Olhar para alguma direção. Lit., estar voltado para: A janela olha para o sul. A cidade olha ao ocidente. - 3º Olhar sobre alguma coisa. Lit., estar mais elevado: O campanário olha sobre o coqueiro.

D. v. intr. SUJEITO NOME DE SER ANIMADO. 1º Olhar os olhos Olhou, mas não havia ninguém na sala. Para aprender, tens que olhar (= observar). Ele se contenta em olhar (= observar) - 2º Olhar e adjetivo, fixar os olhos: Todos olhavam atentos, na expectativa do que ia acontecer. - 3º Olhar em (ou) algum lugar: Olhar em cima de mesa, embaixo da cadeira, dentro do armário, perto da janela, ao lado da chofada, por toda parte (= procurar) (sin.: VER). Ele olhou pelo buraco da fechadura (= espiar)// Olhar para trás (no espaço): De vez em quando ele para e olha para trás (= voltar-se)//Olhar para trás (no tempo): Isso tudo já passou e não se pode ficar sempre olhando para trás (= voltar-se para o passado)//Olhar para frente (no espaço): Caminhou olhando sempre para frente.//Olhar para frente (no tempo): De nada vale ficar lamentando o que aconteceu. Agora é preciso olhar para frente (encostar a vida com otimismo)//Olhar de fora, não participar.

E. Olhar-se, v. pr. - 1. SUJEITO NOME DE SER ANIMADO. 1º (reflexivo), ver sua própria imagem: Ele se olhou no espelho. Foi, examinou-se: Ela que se olha antes de falar dos outros. (sin. fan.: ENXERCAR-SE) - 2º (recíproco), fixar os olhos um no outro: Ela se olhava sem se falar.

11. SUJEITO NOME DE SER INANIMADO (CONCRETO) (recíproco). Lit., estar diante de: As duas casas se olhavam.

também na utilização do dicionário. A alteração na estrutura do verbete que traz o modelo distribucional, a metalinguagem que propõe e o tipo de informações que fornece exigiriam, certamente, preparo do leitor, que deverá tomar consciência da concepção da obra que consulta e do tipo de serviços que ela pode lhe prestar.

Conclusões mais precisas sobre o real alcance e a validade da aplicação do modelo distribucional para a descrição das relações paradigmáticas de sinonímia e das relações sintagmáticas no dicionário poderiam ser tiradas se outros verbos e segmentos de outras classes (substantivos, adjetivos, pronomes, etc.) fossem analisados.

Algumas restrições surgem da aplicação do modelo distribucional ao estudo do léxico. Uma delas se refere à consulta ao informante. Na prática, verificou-se discordância em algumas respostas, o que levaria a que se pensasse no que é exatamente a competência do falante nativo com relação ao léxico. A consulta que se fez parece dar razão à observação de Rey-Debove (1970:4) de que a noção de competência, formulada pela lingüística transformacional como sendo a capacidade de toda pessoa adulta que fala uma língua de emitir e de entender um número indefinido de frases novas, essa noção assim entendida, válida para a gramática, não o é para o léxico. Ora, o léxico está ligado ao conhecimento do mundo que tem cada indivíduo. Chegar-se-ia assim, na realidade, a fatores que levariam um informante a conhecer ou não uma unidade lexical, ou ainda a admirar ou não a possibilidade de ocorrência de uma unidade em determinado contexto.

Na perspectiva de que a competência do falante, quanto ao léxico, é limitada ao seu conhecimento do mundo, estendendo-se a consulta a unidades menos freqüentes atingir-se-ia um ponto em que a resposta do falante deixaria de existir. Em consequência, um dicionário concebido sobre esse modelo deveria forçosamente selecionar seus informantes e limitar sua nomenclatura.

A restrição mais séria ao modelo aplicado estaria no fato de a análise distribucional entender o significado das unidades lexicais associado às possibilidades combinatórias no plano do significante. Na maior parte dos contextos que se analisou essa interdependência de fato foi encontrada. Mas em sintagmas livres, as combinações no eixo sintagmático mostraram-se insuficientes para explicar valores de uso diferentes em contextos idênticos. Conclui-se, em vista disso, que o sentido se impõe à análise e que a lingüística distribucional, servindo-se

dele apenas como instrumento para determinar intuitivamente a identidade ou a não-identidade de enunciados, empobrece seu trabalho.

A aplicação à lexicografia dos dados obtidos pela análise das distribuições não se mostra, no entanto, desprovida de interesse. O dicionário é obra de consulta sobre o funcionamento da língua. Se o conhecimento de uma língua supõe a capacidade de compreender enunciados e de se exprimir, se a obra lexicográfica precisa corresponder a esses dois aspectos, um dicionário baseado nos pressupostos da teoria distribucional, descrevendo as restrições sintagmáticas associadas ao valor de uso, mencionando a sinonímia de acordo com os contextos nos quais ela pode ser empregada, estaria permitindo ao leitor, não só entender o significado da unidade lexical que procura, como também estaria fornecendo a esse leitor elementos para se exprimir com mais riqueza e precisão. Então, apesar das limitações apontadas, os dados fornecidos pela análise distribucional aplicados ao dicionário poderiam resultar em enriquecimento para a aprendizagem da língua portuguesa e, como tal, não parecem ser de menor importância e não deveriam ser desprezados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. CASARES, Júlio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid, Revista de filología española, 1950.
02. DUBOIS, Jean. *Recherches lexicographiques; esquisse d'un dictionnaire structural. Études de linguistique appliquée*. Paris, Didier, 1: 43-8, 1962.
03. ———. *Distribution, ensemble et marque dans le lexique. Cahiers de lexicologie*. Paris, Didier, Larousse, 4 (1): 5-16, 1964.
04. ———. *Grammaire structurale du français; nom et pronom*. Paris, Larousse, 1965.
05. DUBOIS, Jean & DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris, Larousse, 1971.
06. DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978.
07. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira [1975].
08. FISHER & YATES. *Tablas estadísticas*. Madrid, Aguilar, 1949.
09. GUILBERT, L. *Dictionnaire et linguistique: essai de typologie des dictionnaires monolingues français contemporains. Langue Française*. Paris, Larousse, 2: 4-29, mai, 1969.
10. HARRIS, Z. *Structural linguistics*. Chicago, The University of Chicago Press, 1974.
11. HJELMSLEV, L. *Prolegomènes à une théorie du langage*. Paris, Minuit, 1971.
12. JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris, Minuit, 1968.

13. MARTINET, A. *Éléments de linguistique générale*. 2. ed. Paris, Colin, 1961.
14. MESCHONNIC, H. Essai sur le champ lexical du mot "idée". *Cahiers de lexicologie*, Paris, Didier, Larousse, 5 (2): 57-68, 1964.
15. NASCENTE, A. *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, Bloch [1972]
16. REY, A. Typologie génétique des dictionnaires. *Langages*, Paris, Didier, Larousse, 19: 48-68, sept., 1970.
17. REY-DEBOVE, J. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. *Cahiers de lexicologie*, Paris, Didier, Larousse, 8 (1): 71-94, 1966.
18. ———. Le domaine du dictionnaire. *Langages*, Paris, Didier, Larousse, 19: 3-34, sept., 1970.
19. SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot, 1972. Ed. crit. Tullio de Mauro.
20. ZGUSTA, L. *Manual of lexicography*. The Hague, Mouton, 1971.